



PÓS-MODERNIDADE/PÓS-MODERNO E EDUCAÇÃO: metamorfose engendrada pelo capitalismo ou realidade sem retorno?

Ananias Noronha Filho¹

Resumo

O texto traz à tona uma discussão sobre pós-modernidade/pós-moderno e educação, numa perspectiva de apreender os movimentos dessa proposta na sociedade enquanto metamorfose do capitalismo que se mantém a partir do seu eixo de origem que é a exploração e acumulação, movimento esse que busca se estabelecer a partir da negação das teorias modernas e se engendra no ideário cotidiano da humanidade lançando mão de reformas sociais ditas necessárias a sobrevivência da humanidade, a partir da ideologia do capital.

Palavras-chave: pós-modernidade; pós-moderno; educação; reformas sociais.

Abstract

The text brings up a discussion of postmodernism, postmodern and education with a view to capture the movements of this proposal in society while metamorphosis of capitalism that remains from its axis origin is the exploitation and accumulation, movement one that seeks to establish from the denial of modern theories and ideas engendered in everyday human resorting to so-called social reforms necessary to the survival of humanity, from the ideology of capital.

Key words: postmodernism, postmodern, education, social reforms.

¹ Estudante de Pós-Graduação. Instituto Federal de Roraima (IFRR). E-mail: anfr2@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

A gama de autores que busca interpretar o atual momento que vivemos no mundo não consegue definir com exatidão se estamos em uma nova era, a era da pós-modernidade, ou vivemos um tempo pós-moderno. É indiscutível que são observadas mudanças na humanidade/sociedade, mudanças essas advindas das trocas de experiências entre as diversas culturas existentes que são abaladas por acontecimentos determinados pelo sistema vigente, o capitalismo. Sabemos que o imediato pós segunda guerra determinou mudanças significativas no mundo, dentre elas os trinta anos gloriosos, que implementou em muitos países o welfare state. Mas esse mesmo capitalismo, que se metamorfoseia para sobreviver, e sobrevive apenas da exploração e da acumulação, determinou mudanças pragmáticas no modo de ser da economia global, e como Rayek nos anos 40 declarava que o caminho aquela época a ser trilhado seria insuportável para o capital, se viu vencedor com a implementação do neoliberalismo iniciado nos anos 70, ou seja, uma mudança impactante, que colocava a população mundial aos pés do grande capital.

As mudanças são observadas também nas relações das pessoas com as outras pessoas, o culto ao individualismo, e na afirmação de muitos autores o abandono dos metas-discurso, faz parecer que a “nova” realidade deve ser mais simples de ser entendida do que a que foi vivida em anos passados.

Para Lyotard (2009, vii) a era pós-industrial proporcionou mudanças substantivas nos estatutos da ciência e da universidade, afirma que de fato o que vem ocorrendo é uma modificação na natureza mesma da ciência provocada pelo impacto das transformações tecnológicas sobre o saber. Continua chamando atenção que ao lado dessa crise opera-se, sobretudo a busca de novos enquadramentos teóricos, aumento da potencia, eficácia, otimização das performances do sistema, legitimadores da produção científico - tecnológica numa era que se quer pós-industrial. *“O pós-moderno enquanto condição da cultura, caracteriza-se exatamente pela incredulidade perante o meta-discurso filosófico-matafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes”* (idem, viii).



Lyotard (viii) chama atenção que o cenário pós-moderno é essencialmente cibernético-informático e informacional, onde se expandem cada vez mais os estudos e as pesquisas sobre a linguagem, com o objetivo de conhecer a mecânica da sua produção e de estabelecer compatibilidades entre linguagem e máquina informática. Neste cenário predominam os esforços científicos, tecnológicos e políticos no sentido de informatizar a sociedade.

Na linha de entendimento dessas mudanças que ocorrem na sociedade Eagleton (1998, p 7) aponta que *“a palavra pós-modernismo refere-se em geral a uma forma de cultura contemporânea, enquanto o termo pós-modernidade alude a um período histórico específico”*. Continua sua abordagem indicando que pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão identidade e objetividade, a idéia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação (EAGLETON, p 7).

Com tantas mudanças operadas no campo da ciência, conseqüentemente na educação e formação do homem, as delimitações clássicas dos campos científicos entram em crise, se desordenam. Desaparecem disciplinas, outras surgem da fusão de antigas, as velhas faculdades dão lugar aos institutos de ensino e/ou pesquisas financiados pela iniciativa privada, pelo poder público ou por ambos. Esta lógica do melhor desempenho é, sem dúvida, inconsistente principalmente no campo socioeconômico, busca simultaneamente, menos trabalho, para diminuir custos de produção, e mais trabalho, para aliviar a carga social da população social inativa.

Diante de tantas incertezas é que se buscará nesse texto delinear uma análise do impacto da pós modernidade na formação/educação do homem. Destaca-se que não se pretende esgotar tal tema, mas, tão somente apreender conceitos e movimentos da pós modernidade junto à educação.

2 DA MODERNIDADE A PÓS-MODERNIDADE, A INSENSATEZ DE UMA TRAJETÓRIA



Para Mészáros (2004, p 68) o quadro das discussões teóricas não pode ser determinado por escolhas arbitrárias, embora a arbitrariedade se manifeste com frequência nas mutáveis proposições das tendências ideológico-intelectuais dominantes. Contrastando com o grau relativamente alto de objetividade das próprias tendências, a inconstância e a arbitrariedade podem predominar nas escolhas individuais dos intelectuais que assumem a orientação ideológica dominante de um dado período, passando em grande número, por exemplo, sem motivação muito profunda para o grupo dos partidários da modernidade.

O uso problemático do termo moderno é caracterizado tendencialmente buscando esquecer a dimensão sócio-histórica, a serviço dos interesses dominantes. De forma fiel o que busca as definições de modernidade é construído de tal maneira que as especificidades socioeconômicas são ofuscadas ou deixadas em segundo plano, para que a formação histórica descrita como uma *sociedade moderna* nos vários discursos ideológicos sobre a modernidade possa adquirir um caráter atemporal em direção ao futuro, por causa de sua contraposição, acriticamente exagerada, ao passado mais ou menos distante. (MÉSZÁROS, 2004 p 70).

De forma não dialética a descontinuidade e a ruptura exagera-se tendenciosamente até o irreconhecível, à custa de algumas continuidades de vital importância, como, por exemplo, o caráter insuperavelmente classista e explorador da sociedade capitalista, por mais 'moderna' e 'avançada' que seja, assegurando a visão de universalidades imaginárias e das soluções fictícias para problemas dolorosamente reais os quais só poderiam ser resolvidos através do confronto concreto das principais classes da sociedade.

Fica claro que para o autor a pós-modernidade é tão somente uma metamorfose do capitalismo para legitimar sua manutenção enquanto sistema vigente busca, assim, um fortalecimento das contradições do mundo social que se tornam mais fortes, manifestando-se em escala cada vez mais global, repetidamente se declara que elas já foram superadas, ou estão prestes a sê-lo, em uma sucessão interminável de construções ideológicas que metamorfoseiam verbalmente, sob um novo



dessocializado rótulo começado com *pós*.

Para Harvey (2008, p 45) ao abordar o tema “pós-modernismo”, busca em Huyssens (1984) uma declaração mais cautelosa sobre o tema, onde o que aparece num nível como último modismo, promoção publicitária e espetáculo vazio é parte de uma lenta transformação cultural emergente nas sociedades ocidentais, uma mudança da sensibilidade para o qual o termo *pós-moderno* é na verdade, ao menos por enquanto, adequado.

Ainda sobre o tema, Harvey, aborda o tema da arquitetura citando Charles Jencks que data o final simbólico do modernismo e a passagem para o pós-moderno em 15 de julho de 1972, as 15h32m, quando o projeto de desenvolvimento da habitação Pruitt-Igoe, de St. Louis foi dinamitado como um ambiente inabitável para as pessoas de baixa renda que abrigava. Não apenas na arquitetura, mas em outras áreas do conhecimento o autor apresenta diversas abordagens de autores que indicam as características de um tal *pós-modernismo*. Como forma de diferenciação entre modernismo e pós-modernismo Harvey (p 48) transcreve um quadro proposto por Hassan com as diferenças:

Diferenças esquemáticas entre modernismo e pós-modernismo	
Modernismo	Pós-modernismo
Romantismo/simbolismo	Parafísica/dadaísmo
Forma (conjuntiva, fechada)	Antiforma (disjuntiva, aberta)
Propósito	Jogo
Hierarquia	Anarquia
Domínio/logos	Exaustão/silencio
Objeto de arte/obra acabada	Processo/performance/happening
Distância	Participação
Criação/totalização/síntese	Descrição/desconstrução/antites e
Presença	Ausência
Centração	Dispersão
Gênero/fronteira	Texto/intertexto
Semântica	Retórica
Paradigma	Sintagma
Hipotaxe	Parataxe
Metáfora	Metonímia
Seleção	Combinação
Raiz/profundidade	Rizoma/superfície



Interpretação/leitura	Contra a interpretação/desleitura
Significado	Significante
<i>Lisible</i> (legível)	<i>Scriptible</i> (escrevível)
Narrativa/ <i>grande historie</i>	Antinarrativa/ <i>petite historie</i>
Código mestre	Idioleto
Sintoma	Desejo
Tipo	Mutante
Genital/fálico	Polimorfo/andrógino
Paranóia	Esquizofrenia
Origem/causa	Diferença-diferença/vestigio
Deus Pai	Espírito Santo
Metafísica	Ironia
Determinação	Indeterminação
Transcendência	Imanência

Hassan (1984), apud Harvey (2008, p 48).

Harvey admite que essas diferenças esquemáticas pode ser um ponto de partida, uma vez que aborda diversos campos do saber como a antropologia, a linguística, a filosofia, a teologia, a retórica dentre outros.

Para Eagleton (1998, p 8), após analisar o pós-modernismo deixa claro que não pode negar sua existência, mas que essa postura admitida não implicaria seu apoio a tal movimento, e que se dizer pós-modernista não significa o abandono total da do modernismo, mas que o percorreu a exaustão até atingir uma posição ainda marcada por ele.

Eagleton (p 30) ao questionar a origem do pós-modernismo chama atenção que esse possa brotar da “*sociedade pós-industrial, do último fator de descrédito da modernidade, da recrudescencia da vanguarda, da transformação da cultura em mercadoria, da emergência de novas forças políticas vitais, do colapso de certas ideologias clássicas da sociedade e do sujeito*”; esse pós-modernismo para o autor não deixa de ser acima de tudo, segundo ele, o resultado de um fracasso político que ele ou jogou no esquecimento ou com o qual ficou brigando em pensamento.

Diante das diversas interpretações sobre o pós-modernismo, Eagleton (p 35) destaca que nos seus alcances filosóficos mais refinados, a teoria pós-moderna



reconhece a interdependência de termos como identidade e não-identidade, unidade e diferença, sistema e outro; mas, quando se trata de sensibilidade, não restam dúvidas de que lado ela deposita suas simpatias. Diferentemente da maioria dos pós-modernistas, o autor se diz *“um pluralista acerca do pós-modernismo, acreditando, à moda pós-moderna, que também existem versões diferentes para se contar do pós-modernismo, algumas consideravelmente menos positivas que as outras”* (idem, p 34).

Apesar de toda a sua tão alardeada abertura para o Outro, o pós-modernismo pode se mostrar quase tão exclusivo e crítico quanto às ortodoxias a que ele se opõe. Pode-se, em geral, falar da cultura humana, mas não da natureza humana, de gênero, mas não de classe, do corpo, mas não da biologia, de fruição, mas não de justiça, do pós-colonialismo, mas não da burguesia mesquinha. Trata-se de uma heterodoxia de todo ortodoxa, que como qualquer forma imaginária de identidade precisa de seus bichos-papões e alvos imaginários para manter-se na ativa.

Na análise proposta por Harvey, sobre todas as mudanças que vem ocorrendo na sociedade desde final dos anos 60 até a década de 90, todos os acontecimentos sugerem que:

... a condição da pós-modernidade passa por uma súbita evolução, talvez alcançando um ponto de autodissolução em alguma coisa diferente. (...)
Não é possível dar resposta fazendo abstração das forças político-econômicas que ora transformam o mundo do trabalho, das finanças, do desenvolvimento geográfico desigual, etc. (2008, p 325)

Nesta perspectiva é inegável que as mudanças que ora ocorrem na sociedade não podem ser vistas apenas como determinadas pelos aspectos estéticos, culturais, ou simplesmente por certa naturalidade evolutiva, mas, sobretudo como uma reordenação orquestrada pelo capital, a qual precisa ser entendida e discutida para poder-se fazer questionamentos e discutir-se sobre a que resultados se quer chegar. Entretanto, abstraindo-se quaisquer particularidades ou casos isolados, qualquer mudança acarreta sempre um aumento significativo de complexidade, exigindo outro perfil de homem trabalhador que possa entender todo esse movimento de mudança, mas acima de tudo que possa ser capaz de interpretar todas essas situações. Será que a educação oferecida na atualidade contribui para a formação desse homem?



3 A EDUCAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE: O QUE ESPERAR DESSA REALIDADE QUE VIVEMOS?

Define-se aqui que a educação é função normal da vida social; e educação, como função social, é uma decorrência da vida em comunidade e faz parte do nível e da qualidade da própria vida em comum. Até o século XVIII, não houve outra escola senão essa, destinada a manter e desenvolver a cultura intelectual e artística da humanidade, para tanto preparando um pequeno grupo de especialistas do saber e das profissões de base científica e técnica. Tal escola não visava formar o cidadão, nem tampouco o caráter, nem o trabalhador, mas sim e apenas formar o intelectual, o sacerdote, o liberal, o mestre para o magistério superior, privilegiando claramente a livresca, intelectual, especializada, por um lado, distinta da cultura do povo (desde logo nomeada como “popular”) e, de outro, desvincilhada da economia e da produção.

Como resultado mais palpável dessa situação foi à ciência, cuja aplicação crescente à vida revolucionou os métodos de trabalho e de vida do homem, fazendo surgir à necessidade de uma educação escolar mais generalizada, destinada a preparar a maior parte da população para o trabalho e o ofício. Nas palavras de Anísio Teixeira:

Essa nova escola, já agora para todos ou, pelo menos, para muitos, não tinha por objetivo preparar os especialistas das letras, das ciências e das artes, mas o homem comum, para o trabalho ou o ofício, tornado este, pelo desenvolvimento da civilização, suficientemente técnico para exigir também treinamento escolar especial. (...) A reforma dessa escola está em plena marcha em todo o mundo. Dia a dia, as escolas primárias e secundárias se fazem mais ativas e práticas e as escolas superiores mais técnicas e especializadas. Cada escola passa a procurar servir mais diretamente aos seus fins, independente de qualquer preconceito social ou intelectual. Esse o sentido da renovação educacional do nosso século.

As escolas passaram a ter dois objetivos: a formação geral e comum de todos os cidadãos e a formação dos quadros de trabalhadores especializados e de especialistas de toda espécie exigidos pela sociedade moderna. (TEIXEIRA, 1953, p 24-25).

Verifica-se que o objetivo proposto pelo sistema vigente, desde sempre, é contribuir para a dicotomia na educação, ou seja, uma educação voltada para os filhos dos trabalhadores e outra para os filhos da elite. O discurso pragmático de quem engendra tais propostas é que a formação do trabalhador na atualidade precisa ser



flexível, que possa assumir múltiplas funções. Palavras impregnadas de ideologia, que na acepção de Mészáros (2004, p 65) “... ideologia não é ilusão nem superstição religiosa de indivíduos mal-orientados, mas uma forma específica de consciência social, materialmente ancorada e sustentada”. Desta forma destaca-se que a proposta atual de educação sustentada pelo capital na condição pós-moderna visa tão somente buscar o fortalecimento do sistema, explorando, reforçando a desigualdade e propiciando de forma voraz a acumulação.

Mister salientar que as bases da escola dita moderna subsidiou as elaborações do modelo Taylorista de administração científica, na análise de Bryan (1992, p 400-401)

(...) Com a escola, o taylorismo vincula-se ao nível mesmo de seus fundamentos: tanto as práticas escolares como os procedimentos elaborados por Taylor têm como substrato comum a concepção de homem como tabula rasa, ser pronto a conformar-se aos padrões tidos como socialmente necessários.

Verifica-se que o desenvolvimento da administração científica proposta por Taylor estabelece-se na proposição de maior controle da execução do trabalho, conseqüentemente, controle do homem, esse mesmo homem que é levado a executar tarefas no modo de produção capitalista que o alienam do real objetivo do sistema que é o da exploração do homem. Na proposição de Mészáros, o capital é

[...] até o presente, de longe a mais poderosa – “estrutura totalizadora” de controle à qual tudo o mais, inclusive seres humanos, deve se ajustar, e assim provar sua “viabilidade produtiva”, ou perecer, caso não consiga se adaptar. Não se pode imaginar um sistema de controle mais inexoravelmente absorvente – e, neste importante sentido, “totalitário” – do que o sistema do capital globalmente dominante, que sujeita cegamente aos mesmos imperativos a questão da saúde e a do comércio, a educação e a agricultura, a arte e a indústria manufatureira, que implacavelmente sobrepõe a tudo seus próprios critérios de viabilidade, desde as menores unidades de seu “microcosmo” até as mais gigantescas empresas transnacionais, desde as mais íntimas relações pessoais aos mais complexos processos de tomada de decisão dos vastos monopólios industriais, sempre a favor dos fortes e contra os fracos. (2002, p 96)

Após a análise das obras consultadas pode-se propor que os principais aspectos da pós-modernidade têm em vista a contestação dos princípios epistemológicos, filosóficos, políticos e culturais produzidos no contexto da modernidade, enquanto parte do movimento do capital, ou seja, diante do desgaste dos pressupostos da modernidade, que segundo Ortiz (1998/1999, p 145-172) refere-



se a uma forma de organização social, de uma dada concepção de mundo que se articula a diferentes elementos: urbanização, ciência, tecnologia, industrialização, etc, foi preciso engendrar a pós-modernidade.

No tocante as propostas de políticas públicas para áreas sociais, e aqui em específico para a área de educação, há que salientar-se que o engendramento dessas políticas se dá no contexto da reforma do Estado, reforma essa que no Brasil foi implementada no governo Fernando Henrique Cardoso. As críticas tecidas ao modelo burocrático de administração pública levam a um entendimento que um novo Estado não poderia coexistir com uma administração arcaica, típica da modernidade e com ela os conceitos existentes, sendo assim surgem proposições de novas instituições que atendam as demandas de uma sociedade competitiva e globalizada.

Na esteira da pós-modernidade e as proposições de mudanças necessárias na educação destaca-se a acepção social-liberal sobre o que é conhecer é: "...dar um passo fundamental na direção da liberdade de pensar, do livre exercício da crítica, do abandono de noções mágicas ou supersticiosas sobre o mundo e as pessoas. Conhecer o mundo é apropriar-se dele e não ser presa fácil da mentira, da ilusão, do obscurantismo, da demagogia, da mistificação, do sectarismo ideológico." (MELLO, 2002 p 36)

Essa concepção de conhecimento, ao denunciar o obscurantismo e o sectarismo, corrobora e repete a idéia pós-moderna de que haveria uma crise de paradigmas, e propugna a necessidade de se estabelecer um novo paradigma. Na proposição de SOUSA SANTOS, "um paradigma prudente, para uma vida decente". Para ultrapassar o caráter totalitário e obsoleto do paradigma de conhecimento moderno, o paradigma prudente, conhecimento científico proposto pela pós-modernidade, deveria ter por fim a contribuição para a felicidade dos indivíduos - assumindo o caráter de um paradigma social - vida decente.

O que se pretende dizer é que o paradigma prudente de conhecimento, proposto pela pós-modernidade, e poderíamos dizer pela globalização e o neoliberalismo, estaria exigindo, entre outros aspectos, a reforma da educação, visando a sua adequação ao cenário cultural e econômico que está sendo delineado, e reinterpretando assim os fatores que estariam "desviando" a escola do curso da



racionalidade desejada.

Assim pode-se inferir que a reforma da educação ora empreendida no Brasil na década de 1990, vem amparada pelos mesmos pressupostos e intenções da Escola Nova, que chegou ao país nas décadas de 20 e 30 do século XX. Assim como a Escola Nova, a reforma da educação básica parte do princípio de que:

...a sociedade está basicamente como deve ser e todo e qualquer obstáculo que possa impor à promoção do homem poderá ser rapidamente superado pela aceleração do progresso, que é a sua meta, através da instrumentalização de uma escola colocada a seu serviço. A Escola Nova parte, portanto, de um compromisso ideológico com a ordem na qual foi gerada – a capitalista industrial – uma vez que suas propostas pressupõem que a sociedade encontrou o caminho certo e que este não deve ser questionado. (XAVIER, 1980, p 16)

Ainda sobre a Escola Nova, Xavier (1990, p 67), o Manifesto dos Pioneiros da Educação afirma que: “Onde se tem de procurar a causa principal desse estado antes de inorganização do que de desorganização do aparelho escolar, é na falta, em quase todos os planos e iniciativas, da determinação dos fins da educação (aspecto filosófico e social) e da aplicação (aspecto técnico) dos métodos científicos aos problemas de educação. Ou, em poucas palavras, na falta de espírito filosófico e científico, na resolução dos problemas escolares.”

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito no início desse texto, não se busca o esgotamento do tema da pós-modernidade e educação, mas sim a abordagem de conceitos para apreender os movimentos de mudanças que vem ocorrendo na sociedade. Sobre o tema tentou-se esclarecer que a pós-modernidade não está definida como uma teoria, mas apresenta-se como um movimento que busca, junto às rédeas do capitalismo a manutenção desse sistema.

A necessidade de acompanhar essas metamorfoses na sociedade é presente, uma vez que a utilização de meios que fortalecem essa ideologia, como a mídia em geral, as reformas sociais implementadas, dentre outros movimentos dessa proposta, faz com que muitos possam acreditar que tais mudanças são simplesmente necessárias, como um movimento natural e naturalizador presente no capital.

A guisa de melhor entender faz-se necessário chamar atenção para o caráter



impregnado de ideologia do que se chama de 'sociedade do conhecimento', que não passa de uma ideologia produzida pelo capitalismo, fenômeno no campo da reprodução ideológica do capitalismo, uma ilusão que cumpre determinada função ideológica na sociedade capitalista contemporânea. (DUARTE, 2003 p 14)

A perspectiva pós-moderna na área da educação que busca a emblemática conotação de uma sociedade do conhecimento para Duarte (idem, p 12) é justamente o de enfraquecer as críticas radicais ao capitalismo e enfraquecer a luta por uma revolução que leve a superação radical do sistema vigente, impregnando de informações e gerando a crença de que essa luta fora superada pela preocupação com questões mais atuais, tais como a questão da ética na política e na vida cotidiana, pela defesa dos direitos do cidadão e do consumidor, pela consciência ecológica, pelo respeito às diferenças sexuais, étnicas ou de qualquer outra natureza.

Assim as dúvidas e incertezas sobre o pós-modernismo são presentes em todas as áreas, mas para a área da educação não se pode negar que o ataque do capital com vistas ao seu fortalecimento é presente e não é fugaz, mas sim ideologicamente pensado. O discurso de abandono às teorias pregadas pelo pós-modernismo deixa claro a intenção de naturalizar a exploração do homem, pois como Marx e Engels (s/d, p 24) chamaram a atenção: *"A burguesia só pode existir com a condição de revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais."*

Como forma de manter-se inquieto diante do tema propõe-se reiniciar a discussão a partir da fala de Eagleton:

Parte da força do pós-modernismo resulta do fato de que ele existe, ainda que, no que tange ao socialismo nos dias de hoje, tal afirmativa se afigure bem mais questionável. Com a devida vênia a Hegel, pareceria agora que o real é irracional, e o racional, irreal. (...) julguei o pós-modernismo sob uma ótica abertamente socialista; o que não quer dizer, por certo, que o socialismo também não tenha seus problemas. Ao contrário, esta idéia revela-se hoje provavelmente mais importuna e especulativa que em qualquer outro estágio de sua turbulenta carreira. Seria desonestidade intelectual fingir que o marxismo não representa mais uma realidade política atuante, ou que as perspectivas de mudança socialista, pelo menos neste momento, não passam de remotíssimas. Ocorre que, nestas circunstâncias, seria bem mais prejudicial que desonesto renunciar à visão de uma sociedade justa e, dessa forma, aquiescer à desordem pavorosa em que se encontra o mundo atual. Não estou propondo, portanto, que tenhamos à mão uma alternativa pronta para o pós-modernismo, mas apenas que podemos fazer muito melhor; e não é preciso ser um socialista convicto, muito menos um marxista devoto, para conceder nisso. (1998, p 8).



REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRYAN, Newton A. **Educação, Trabalho e Tecnologia**. Campinas, 1992. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

DUARTE, Newton. **Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões?**: quatro ensaios crítico dialéticos em filosofia da educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. (Coleção polêmicas do nosso tempo, 86).

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1998.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo. Edições Loyola, 2008.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro. José Olympio, 2009.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. In: **Obras Escolhidas**. Volume 1. São Paulo: Editora Alfa - Omega, s/d.

MELLO, Guiomar Namó de. **Cidadania e competitividade**: desafios educacionais do terceiro milênio. Colaboração Madza Julita Nogueira. São Paulo, Cortez, 2002.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo. Boitempo Editorial, 2004.

_____. **Para além do capital – rumo a uma teoria da transição**. São Paulo. Boitempo Editorial, 2002.

ORTIZ, Renato. Da modernidade incompleta à modernidade-mundo. In: **Idéias**: Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, Gráfica do IFCH – UNICAMP, 1998/1999.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.

TEIXEIRA Anísio. A crise educacional brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.19, n.50, abr./jun. 1953.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. **Poder político e educação de elite**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1980

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. **Capitalismo e Escola no Brasil**: a constituição do liberalismo em ideologia educacional e as reformas do ensino (1931 – 1961). Campinas, SP : Papyrus, 1990.